

**O desvelar das interações cotidianas entre jesuítas e indígenas brasileiros no século XVI:  
privilegiando o lúdico**

Inez Garbuio Peralta<sup>1</sup>  
Yara Kassab<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho examina as manifestações de atividades lúdicas utilizadas como estratégia pelos jesuítas no Brasil no século XVI. Estes tiveram êxito na catequização por terem estabelecido um complexo processo de oposições e sínteses culturais, muito próprias das idéias da Companhia de Jesus.

Elementos indígenas e europeus como a dança, os jogos, o teatro, a mímica e a língua nativa dos índios, reelaborados pelos jesuítas, passaram a coexistir no Brasil do século XVI, objetivando a salvação de homens e almas.

**Palavras-chave:** lúdico, catequese, didática

**Abstract:** This work investigates the manifestations of the ludic activities used as a strategy by Jesuits in Brazil in the XVI century.

Those turned out well in the catechization for establishing a complex process of oppositions and cultural synthesis, pertaining to the ideas of the Jesus Company.

Indigenous and European elements such as dance, games, theater, mimics, as well as native languages, redid by Jesuits, started to coexist in Brazil of the XVI century, objecting the salvation of the men and souls.

**Key-words:** Ludic, catechization, didactic

## 1 Introdução

Os jesuítas tiveram sucesso em transpor para a fala do indígena sua mensagem e assim viabilizar seu projeto catequético, no Brasil.

O objetivo de penetrar o imaginário indígena levou-os a utilizarem manifestações locais tais como: as danças, as músicas, os rituais as interpretações e acima de tudo a alegria própria daquela sociedade.

Embora não se possa desconhecer a diversidade dos grupos indígenas, jesuítas e cronistas ressaltaram as características teatrais e a busca da alegria de viver dos primitivos habitantes do Brasil. Entre as orientações recebidas pelos jovens inicianos nos diversos

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>- Universidade São Paulo, Faculdade Interlagos de Educação e Cultura.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Ms. Centro Universitário Ítalo Brasileiro, Faculdade Interlagos de Educação e Cultura.

centros religiosos constava o conhecimento da língua nativa dos locais de destino de sua prática missionária.

O aprendizado da língua e ainda das práticas simbólicas ajudaram os jesuítas a criarem “centros de solidariedade”. Onde a missão permaneceu como núcleo central, realizou-se um complexo processo de oposições e sínteses culturais desde os primeiros contatos entre jesuítas e indígenas. Os jesuítas foram, ao longo de sua permanência no Brasil, introduzindo novas formas artísticas e novos rituais às danças, músicas e cantos tradicionais dos indígenas, revelados em suas festas, ao mesmo tempo em que os corais, as músicas cantadas nas missas e o teatro português eram permeados pelas manifestações culturais indígenas

*Os espetáculos oferecidos nas igrejas, a acomodação ao gosto do gentio e mesmo a certas formas exteriores a que eram sensíveis, o bilingüismo, a aproximação que permitiu entre o público e as criações artísticas são traços singulares da iniciação literária [brasileira] [e] constitui um aspecto pouco estudado desse período primário da nossa vida colonial... (SODRÉ:1960, p.70)*

A partir destas reflexões este trabalho procura analisar os espaços sociais onde as culturas dispare – jesuíticas, isto é, européias e indígenas – se encontram.

Busca-se tratar estas relações em termos de presença comum de interação, de entendimentos e práticas interligadas, privilegiando as demonstrações de alegria, de senso de humor e práticas lúdicas.

O material utilizado para a elaboração deste trabalho compõe-se de: cartas, fragmentos, sermões e poesias jesuíticas, relatos de viajantes, obras históricas e outros.

## **2 A língua: fator de interação cultural**

Uma das primeiras iniciativas dos jesuítas ao aportarem no Brasil em 1549, foi a de dar início a aprendizagem da língua dos nativos, pois o conhecimento lingüístico constituía para Nóbrega “a mais principal ciência para cá mais necessária” (MONTEIRO,2004:p.35)

Os jesuítas utilizaram-se da língua Tupi, como forma de integração e entendimento, para atrair os nativos à catequese.

O desafio por parte dos jesuítas, em estabelecer uma comunicação, diante da diversidade lingüística existente na então colônia portuguesa, fica equacionado ao adotarem a língua geral, como língua que passa a mediar as comunicações entre quase todos os povos indígenas da costa Brasil e os europeus.

Alguns jesuítas destacaram-se como bons aprendizes da língua geral, entre eles o padre João Azpilcueta Navarro, que logo que chegou a colônia pôs-se a traduzir e escrever algumas orações.

Nóbrega em um de seus relatos reforça as ações do padre Azpilcueta:

*Trabalhamos de saber a língua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias [...] (e aprender com eles a língua), e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas praticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que m'õ saiba dizer, porque são elles tão brutos que nem vocabulos tem.*(Nóbrega,1988: p.73)

Com o auxilio de *Caramuru* o padre Navarro traduziu na língua Tupi, o Padre – Nosso, os Mandamentos, a criação e o fim do mundo e diálogos da Santa Fé entre outros.

Nóbrega contou também, na conquista das almas, com o auxilio dos órfãos vindos de Lisboa que, juntamente com os filhos dos nativos, saíam pelas aldeias a pregarem, pois os jesuítas tinham a consciência de que só o uso da língua nativa não bastaria como estratégia metodológica para a catequização.

Os meninos saíam pregando e cantando cantigas de Nossa Senhora, os Mandamentos, Credo e Salve Rainha, ensinando assim os adultos das aldeias

Os meninos foram, estrategicamente, levados a participar como facilitadores entre as duas culturas, transpondo assim a barreira do contato, da comunicação dos dois universos

Na metodologia jesuítica, utilizada para ensinar a língua geral, ``os índios deveriam primeiro aprender as palavras, depois seu significado, e em seguida as intenções ``(SEBE,1982:p.79)

As ações e preocupações dos jesuítas para com o outro, estão fundamentadas nos Exercícios Espirituais e nas *Constituciones de la Compañia de Jesús . Normas Complementarias*<sup>3</sup> que constituíam as primeiras normas e regras que regulamentavam e expressavam a espiritualidade inaciana bem como a metodologia a serviço da catequização.

Os jesuítas apropriaram-se da ludicidade presente na sociedade indígena e a utilizaram como meio de comunicação, introduzindo formas artísticas e rituais europeus nas diversões e nos rituais indígenas.

Ao se examinar as cartas jesuíticas, fragmentos e outras fontes, primárias ou secundárias nota-se que tanto a cultura indígena como a jesuítica, estão permeadas de traços lúdicos, o que facilitou a interação entre ambas.

---

<sup>3</sup> Província Mexicana de la Compañia de Jesus. www.sjmex.org

Novaes observa que: “A cultura portuguesa como a dos povos indígenas[...] traziam um traço de união surpreendente, que era o senso de humor. Pode parecer estranho invocar o humor para essas duas culturas consideradas tristes” (NOVAES,1999:p.105)

É, pois, no contexto cultural, que se desvela o emprego, pelos jesuítas, do lúdico no século XVI, no Brasil colonial e sua influencia na catequese.

### **3-As características lúdicas da sociedade indígena**

Em vários textos elaborados no decorrer do século XVI encontram-se referências das características lúdicas da sociedade indígena.

O viajante Jean de Lery que esteve no Brasil em 1557 observou que os nativos “bebam pouco ou muito porém, como não sofrem de melancolia congregam-se todos os dias para dançar e folgar” (LERY,1980:p.132).

Anchieta e Cardim também apontam características lúdicas dos nativos e chamam a atenção para o bailado conjunto de homens e mulheres:

*Ainda que são melancólicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito varios e graciosos, [...] os meninos são alegres e dados a folgar e folgão com muita quietação e amizade[...] de pequeninos os ensinão os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são diferentes de mudança, mas é um continuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem com tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo do que usão os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma cousa sem a outra.[...] As mulheres bailão juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailam sós. (CARDIM,1980:p.93)*

Jean de Lery, enfatiza nos seus relatos os momentos de características lúdicas presentes nos principais eventos da sociedade indígena tais como: nascimento, morte, guerras, vitórias e consórcios. Os índios utilizavam-se também de enfeites de plumas, mascaras e pintavam-se, seja para transmitirem alegria ou melancolia. Nessas manifestações culturais e ainda em reuniões para se tomar decisões, os nativos bebiam o *cauim*

No livro Viagem à Terra do Brasil, Lery relata:

*Os moços casadoiros adornam-se com um desses grandes penachos a que chamam araroy e que são atados à cintura; empunhando às vezes o maracá e dispondo nas pernas os chocalhos de frutos secos [...] não fazem outra coisa todas as noites senão entrar e sair de casa em casa dançando e saltando.(LERY,1980: p.132)*

Segundo Lery: “cumpre notar que em todas essas danças (realizadas para o consórcio), quaisquer que sejam, nunca as mulheres se misturam aos homens; se querem fazer-no em grupos separados.”(LERY,1980:p.132)

A ludicidade do dia a dia indígena é revelada em várias passagens dos textos jesuíticos.

Cardoso sintetiza uma dessas passagens:

*Põem uns diademass na cabeça, de penas de pássaros de varias cores, e desta sorte fazem também os arcos e empenam e pintam os corpos, e assim pintados e mui galantes a seu modo fazem suas festas mui aprazíveis, que dão contento e devoção, por serem feitas por gente tão idônea e tão bárbara, mas, pela bondade divina e diligencia dos nossos, feitos já homens políticos e cristãos. Era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés e braços, pernas, cinta e cabeças com varias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. Parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atrás deles.*(CARDOSO,1977: p.56)

Serafim Leite em sua obra História da Companhia de Jesus no Brasil afirma que: quando os meninos da terra faziam entradas pelo sertão a pé, ``... os índios [...] recebiam-nos ao som de seus instrumentos músicos, - a taquara e o maracá. E eles com grinaldas na cabeça, faziam procissões, erguiam cruzeiros, cantavam, dançavam.``(LEITE,1938:p.38)

A ludicidade foi apropriada pelos jesuítas que a utilizavam até mesmo para reprimir atitudes de resistência, pois os pais indígenas eram dóceis e pacientes com seus filhos e não costumavam castigá-los, muito menos por conta do ato de não irem ou fugirem das casas de ensinar. Valendo-se deste comportamento ``...quando algum menino da escola [...] é preguiçoso e não quiere ir à escola, o irmão o manda buscar pelos outros, os quais o trazem preso e o tomam às cavaleiras com muita alegria. E seus pais e mãis folgam muito com isso.``(LEITE,1938:p.91)

São várias as circunstancias reveladoras de momentos lúdicos entre os indígenas. Em viagem ao sertão pelos idos de 1555, o padre João Azpilcueta narra de forma bastante especifica uma das cerimônias festivas realizada pelos indígenas tapuias.

*... em uma aldêa grande onde estavam seus feiticeiros fazendo feitiçarias, aos quaes, porque andam de uma parte para outra, fazem os Índios grandes recebimentos, concertando os caminhos por onde hão de vir e fazendo grandes festas de comer e beber.*

*Estava, pois nesta aldêa muita gente de outras aldeãs que era vinda às festas dos feiticeiros.[...] No meio de uma praça tinham feito uma casa grande, e nella outra mui pequena, na qual tinham uma cabaça figurada como cabeça humana, mui ataviada a seu modo, e diziam que era o seu santo e lhe chamavam ``Amabozaray``, que quer dizer pessoa que dança e folga, que tinha virtude de fazer os velhos se tornassem moços. Os índios andavam pintados com tintas, ainda nos rostos, e implumados de pennas de diversas cores, bailando e fazendo muitos gestos, torcendo as bocas e dando uivos como perros: cada um trazia na mão uma cabaça pintada, dizendo que aquelles eram os seus santos, os quaes mandavam aos índios que não trabalhassem porque os mantimentos nasceriam por si, e que as frechas iriam ao campo matar e caçar.* (CARTAS AVULSAS 2,1988: p.173)

Esta representação revela uma teatralidade, e uma criatividade, que os jesuítas souberam aproveitar. Estes perceberam a possibilidade de novas interações de saberes ou ainda perceberam um território de novas interdições e liberdades. Nesse sentido pode-se dizer que os jesuítas compreenderam o lúdico como necessidade à época e ao local que se encontravam, um Brasil colônia<sup>4</sup>.

Os jesuítas observaram também que os indígenas possuíam outras habilidades, como imitadores de cantos de pássaros e outros animais, compositores de cânticos e trovas de improviso, revelando-se bons atores.

Na obra Teatro de Anchieta, Cardoso descreve a dramatização indígena como “um espetáculo comum entre os indígenas”, composto dos seguintes atos:

*primeiro momento – O preparo - quando os índios, distante do povoado, com acompanhamento festivo preparam um novo caminho ou um caminho novamente aberto e engalanado (enfeitado) em honra ao visitante, que estará sendo conduzido às suas tabas; segundo momento - O encontro – quando o visitante é saudado pelos chefes índios ou a grande saudação; a representação mostra a hospedagem nas casas com o dialogo sobre a viagem do hospede: dão –se largas à fantasia, descrevendo todas as dificuldades por que teria passado o visitante até chegar à aldeia, com grande sentimento de todos, principalmente das mulheres; terceiro momento - A discussão -quando os índios discutem entre si se devem matar o visitante ou deixá-lo agir em paz na tribo. Na discussão sobre o destino do visitante seguem-se festejos de diversos tipos, danças, cantos e musicas; juntam-se aos índios os pajés que jogam suas contas para certificarem-se que o visitante deve viver ou morrer se é bom [...],no dia seguinte faz-se uma espécie de pregação pelo povoado.correm toda a aldeia pé ante pé, muito de vagar; e o pregar também pausado, freugmático e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam todos os trabalhos, tempestade,perigos...” passados pelo visitante.(CARDOSO,197: p.51-53)*

Os inacianos, uniram o sagrado e o profano utilizando formas artísticas e rituais europeus e indígenas. Apesar de tudo pode-se afirmar que o teatro no Brasil foi obra dos jesuítas.

#### **4 A arte cênica jesuítica como estratégia no processo catequético no Brasil colonial**

José de Anchieta, no Brasil, aperfeiçoou a arte cênica. Utilizou mais de uma língua nas representações para agradar os ouvintes e, ao adequar alguns personagens como, por exemplo o diabo, fez uso do mesmo não só para representar o mal, mas também para divertir. O diabo de Anchieta era galhofeiro, fanfarrão, e malicioso. Era assim também que José de Anchieta agradava os índios, utilizando personagens que os faziam rir e se alegrarem..

<sup>4</sup> Nóbrega também presenciou cenas semelhantes entre os “Topinaquis” e os “Topinambás” e descreveu-as em carta enviada provavelmente da Bahia em agosto de 1549, cujo título é Informações das Terras do Brasil publicada em cartas jesuíticas I, cartas do Brasil- Manoel da Nóbrega.

O Anjo era outro personagem freqüente, que aparece nos Autos de Anchieta representando a luta do bem contra o mal, e não era alheio aos índios que acreditavam nos espíritos do bem e do mal. Segundo Cardoso

*O Auto de Anchieta foi criado de acordo com as características do ambiente em que estava sendo apresentado – o Brasil colônia .Tem longas partes recitadas, desfiles, danças, cantos músicas e as vezes uma oração ou discurso final, podendo as vezes durar muitas horas. Em seus Autos Anchieta, utilizava-se dos mistérios e das moralidades, eram representados em torno da igreja, materializando-se nas figuras dos anjos e dos demônios, personificando os apóstolos do bem e do mal, da virtude e do vicio (CARDOSO,1977:p.49-53)*

Ao entrar em contato com novas culturas, os Autos adquirem novas roupagens.No teatro, Anchieta usou de forma intensa as estratégias dos rituais indígenas. observou que nesses rituais, a música, e a dança eram expressivas, ricas em mímicas, um espetáculo da arte de representar.

No teatro anchietano nota-se também a presença de personagens femininos embora as mesmas fossem proibidas pela companhia de Jesus .É bem verdade que a maioria são figuras simbólicas ou espiritualizadas e raramente retratavam mulheres da vida real.

Anchieta incorporou também no teatro, elementos retirados da fauna e da etnologia local, o que favoreceu a aceitação e assegurou o bom desempenho dos atores nativos.

Leite, informa que as representações teatrais dos jesuítas transcorriam em duas instancias, nas aldeias e nos colégios, nestes apresentavam-se as comédias e as tragédias, denunciando preocupações estéticas; nas aldeias, representavam-se os Autos.(LEITE,1938:p.612)

O teatro dos jesuítas no Brasil tinha um escopo moral e cristão transmitidos de forma divertida, bem ao estilo do bom humor indígena. Os missionários reuniam grupos, geralmente de crianças indígenas, para se ensaiar as peças escritas a partir do que observavam na vida dos nativos. Com isso, os padres tematizavam o cotidiano indígena, inserindo censura através da moral e dos bons costumes cristãos. Nas cenas, adaptava-se a vida nativa para uma vida cristã, criticando-se a poligamia, a embriaguez e a antropofagia.

Em seus relatos Cardoso observa que:

*“Nas peças de Anchieta encontram-se danças variadas à maneira de Portugal [...].Ele mesmo observa a facilidade dos meninos índios, que eram geralmente os seus atores, em aprenderem esses passos diferentes: fazem suas danças à portuguesa, com tamborins e violas, com muita graça, como se fossem meninos portugueses.”(CARDOSO,1977:p.57)*

Participava das peças jesuíticas não só os meninos indígenas mas também os próprios padres e irmãos.

O teatro foi utilizado antes mesmo de se ensinar a ler, a escrever e a contar. Para Anchieta o teatro não era uma simples diversão, mas instrumento valioso de educação e cultura. Por isso o jesuíta aproveitou-o tanto na catequese como na pedagogia, instruindo, deleitando e atraindo multidões

Os espetáculos receberam dos jesuítas um tratamento especial a tal ponto que Nóbrega encomenda a Anchieta a composição de um auto, o auto da Pregação Universal representado em São Paulo de Piratininga entre 1567 e 1570. Para Sodré esta “seria a primeira peça de teatro composta no Brasil” (SODRE, 1960: p.70).

O auto “Na Festa de São Lourenço” é a mais longa e rica peça do caderno de Anchieta. Tanto a extensão de seu texto, quanto o aparato literário e técnico, de que se reveste, explicam o êxito a ela atribuído” (CARDOSO, 1977: p.69-76).

Escrito em castelhano, tupi e português foi apresentado em 10 de agosto de 1583 em louvor ao santo e conta o martírio de São Lourenço, queimado na fogueira com grande pompa. Esse auto, à semelhança dos demais, compõe-se de quatro atos e um desfile final, com uma dança cantada; oferece cenas nativas, diabólicas, místicas, e de lutas, visando a converter recreando. As cenas trazem a fala do anjo que representa as figuras do amor e temor através do fogo que o Senhor manda para abrasar as almas, como o fogo material que abrasa a de São Lourenço. (BOSI, 2002: p.26)

As cenas deste martírio deviam prestar-se de modo especial ao teatro catequético no Brasil, onde sacrifícios de guerra eram habituais e os índios costumavam churrasquear e comer suas vítimas.

Os jesuítas adaptaram-se no Brasil tirando das circunstâncias, locais todo o proveito que puderam, lançando mão, com sucesso de um recurso característico da cultura indígena, que lhes pareceu mais profícuo, a arte de representar, isto é, de imitar.

## **5-Considerações Finais**

Os jesuítas, isolados no Brasil do século XVI se distanciaram de algumas práticas realizadas na metrópole pois a vida na colônia era significativamente diferente, o que os levou a se adaptarem a cultura nativa, aprendendo a língua e os costumes.

De acordo com Nelson Werneck Sodré

*Pondo de parte, na catequese, os métodos tradicionais de persuasão, deixando de lado os artificios comuns do raciocínio, os padres dirigiam-se à imaginação dos indígenas, utilizavam recursos a que eles eram sensíveis, buscavam aproximar o mais possível as suas criações de tudo aquilo que era a vida habitual do selvagem.* (SODRÉ, 1960:p.70).

As ações jesuíticas desvelam um debruçar-se sobre a terra e os nativos com um espírito ao mesmo tempo prático e aberto, unindo à sua fé, um zelo constante pela conversão do gentio, e, com a intenção de catequizar, utilizando-se do lúdico, tanto da cultura indígena como da européia.

Por fim, a análise realizada de alguns momentos lúdicos das culturas indígena e portuguesa, oportuniza expor parte de uma longa pesquisa que discute os espaços dessas culturas diferentes, mas que se entrelaçam nas relações de ludicidade.

### **Referências bibliográficas**

- BOSI, Alfredo. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 2.ed.. São Paulo: Cultrix, 1984
- CARDIM, Fernão. **Tratados da Terra e da gente do Brasil**. Belo Horizonte:Itatiaia; São Paulo:EDUSP, 1980
- CARDOSO, Armando Pe. **Teatro de Anchieta**. São Paulo:Loyola, 1977
- CARTAS AVULSAS 2 (1550-1568). Azpilcueta Navarro e outros. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo:EDUSP,1988
- LEITE, Serafim. tomo I **Século XVI - O Estabelecimento**. Lisboa:Portugalia. Rio de janeiro: Civ. Brasileira, 1938
- \_\_\_\_\_. Tomo II . **A Obra**. Lisboa: Portugalia. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1938
- \_\_\_\_\_. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo**. vol 1. São Paulo, 1956
- LERY, Jean. **Viagem à terra do Brasil**. Trad. e notas : Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980
- MONTEIRO, John M. *Dos campos de Piratininga ao Morro da Saudade: a presença indígena na história de São Paulo* in PORTA, Paulo (org). **História da cidade de São Paulo. A cidade colonial**. São Paulo: Paz e terra, 2004. p.36
- NEMESIO, Vitorino. **O campo de São Paulo. A Cia de Jesus e o plano português do Brasil**. 3.ed. .Lisboa:Secretaria de Estado da Informação e Turismo,1971
- NOBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988
- SEBE, José Carlos. Os jesuítas. São Paulo: Brasiliense, 1982
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira. Seus fundamentos econômicos**. 3.ed. Integralmente refundida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960